

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SILVANA CRISTINA BOREGGIO NUNES

A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR ÉTICA DE VIRTUDES NA  
ESCOLA

CURITIBA

2018

SILVANA CRISTINA BOREGGIO NUNES

A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR ÉTICA DE VIRTUDES NA  
ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Dr. Luiz Felipe Sigwalt de Miranda.

**CURITIBA**  
**2018**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR ÉTICA DE VIRTUDES NA ESCOLA**

Por

**SILVANA CRISTINA BOREGGIO NUNES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Orientador: Dr. Luiz Felipe Sigwalt de Miranda.

Curitiba, 23 de Junho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me deu saúde, sabedoria e fortaleza para concluir esse trabalho.

À minha família e amigos, pelo amor, paciência, apoio e incentivo.

À todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida nesse período de estudos e contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado.

*“Saber o que é a excelência moral e a intelectual não é o bastante; devemos esforçar-nos por possuí-las e praticá-las (...).”*  
(Aristóteles)

## RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de apresentar a ética de virtudes aristotélica a partir de conceitos centrais, abordando seu caráter prático. Entendemos que a melhor forma de agir passa antes pelo conhecimento e reflexão, sendo assim, se faz necessário trazer para o centro das discussões escolares o conceito de virtudes, visto que o mesmo parece estar em extinção na sociedade atual. Acreditamos que o debate sobre moral e ética em sala de aula possa contribuir com a sociedade à medida que esse aluno compreenda a teoria e perceba que é possível praticá-la, e nesse sentido, a ética de virtudes aristotélica pode se uma boa opção de trabalho.

Palavras-chave: Ética de virtudes. Conhecimento. Debate. Moral. Sociedade. Filosofia prática.

## **ABSTRACT**

This study was developed with the purpose of presenting the ethics of Aristotelian virtues from central concepts, addressing its practical character. We understand that the best way to act is through knowledge and reexamination, so it is necessary to bring to the center of the school discussions the concept of virtues, since it seems to be in extinction in today's society. We believe that the debate about morality and ethics in the classroom can be shared with society as this student understands the theory and realizes that it is possible to practice it, and in this sense, the ethics of Aristotelian virtues can be a good work option.

Key-words: Ethics of virtues. Knowledge. Debate. Moral. Society. Practical philosophy.

## SUMÁRIO

1	<b>Introdução .....</b>	8
2	<b>A ética de virtude segundo Aristóteles .....</b>	10
2.1	Contexto histórico .....	10
2.2	A felicidade é uma virtude de ação .....	10
2.1	As virtudes éticas ou morais e dianoéticas ou intelectuais .....	13
3	<b>A violência, a corrupção e a perda de valores em nossa sociedade .....</b>	18
4	<b>A importância da formação moral e ética nos ambientes escolares .....</b>	22
	<b>Considerações finais .....</b>	26
	<b>Referências .....</b>	28



## INTRODUÇÃO

Esse estudo foi desenvolvido visando contribuir com a discussão sobre a ética de virtudes, apresentando a grande relevância em trabalhar a mesma em sala de aula e também a dificuldade desse trabalho devido a tamanha falta de caráter existente na sociedade atual. Trata-se de uma discussão importante tanto para a filosofia quanto para a sociedade como um todo, pois o exercício da ética é extremamente necessário para viver bem.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a ética de virtude segundo Aristóteles abordando as duas espécies de virtudes de acordo com as divisões da alma, quer seja, éticas ou morais e dianoéticas ou intelectuais.

Visando aprofundar e também atualizar essa discussão, se faz necessário uma análise da sociedade atual que está passando por uma crise de valores morais e assim demonstrar como a ética de virtude pode contribuir para uma mudança pessoal e conseqüentemente uma mudança social.

Visto que a violência, a corrupção e a perda de valores estão cada vez mais presentes em nossa sociedade, é fundamental trazer para o centro das discussões o conceito de virtudes. Atualmente falta reflexão para nossos alunos, pois a sociedade está voltada para a formação técnica deixando de lado a formação humana. Sendo assim, é de grande importância e também de extrema necessidade a formação moral e ética nos ambientes escolares.

Entendendo a escola como local de construção de conhecimento, justifica-se a importância de aprofundar a discussão sobre a ética de virtudes nas salas de aula, bem como ensinar a “agir bem” e tornar os homens/mulheres virtuosos, pois esses podem ser passos decisivos para a formação de “verdadeiros cidadãos”.

A partir destas considerações, visa-se defender com esse estudo a importância e a necessidade de se trabalhar ética em sala de aula. Sabemos que existem diversas teorias éticas, porém, a escolha pela ética de virtudes de Aristóteles se deu pois, a mesma está pautada na filosofia prática, onde defende que a ética pode ser

ensinada e praticada. Sendo assim, é possível que essa teoria possa contribuir para amenizar a dificuldade em se trabalhar a ética na escola, porque à medida que o aluno se aproxima do conhecimento e posteriormente o coloca em prática, ele pode se tornar uma pessoa virtuosa e assim melhorar a sociedade em que está inserido.

## **2 A ÉTICA DE VIRTUDES SEGUNDO ARISTÓTELES**

### **2.1 Contexto histórico**

Aristóteles, nasceu no ano de 384 a.C na Macedônia, cidade de Estagira, Calcídia, na Grécia Antiga. No ano de 367 a.C, com 17 anos, ele foi enviado a Atenas para completar sua educação, ingressou na Academia de Platão e estudou ali até o ano de 348 a.C, data da morte do mestre Platão.

Em 342 a.C. Aristóteles foi encarregado da educação de Alexandre, filho do Rei da Macedônia, que estava com 13 anos. No ano de 336 a.C, Alexandre tornou-se rei e Aristóteles voltou a Atenas e iniciou uma escola nas proximidades de um templo dedicado ao deus Apolo, por isso ela recebeu o nome de Liceu. Morreu no ano de 322 a.C em Cálcis na ilha Eubéia, deixando inúmeras obras, entre elas, *Ética a Nicômaco*, que retrata o pensamento moral de Aristóteles. O título da obra vem do nome de seu filho, e também discípulo, Nicômaco.

A ideia fundamental de Aristóteles é o Bem Supremo, e na obra *Ética a Nicômaco* ele expõe sua concepção teleológica e eudaimonista de racionalidade, sua concepção da virtude como mediania e suas considerações sobre o papel do hábito e da prudência na *Ética*, e assim procura mostrar que o fim último da ética é a felicidade.

### **2.2 A felicidade é uma virtude de ação**

Aristóteles afirma que todas nossas ações visam alcançar um bem, ou seja, um fim. As ações das artes e ciências são muitas, assim como suas finalidades, que só são procuradas em função daquelas, e como existe variação de acordo com os fins

particulares pretendidos, o melhor seria procurar neles o bem em si, distinto das ações. “Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, (...) evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens”. (Aristóteles, 1996, p. 118)<sup>1</sup>

Esse bem que todas as ciências buscam em comum, é um bem soberano que não depende de nada; depende somente de si mesmo e em vista dele desejamos todos os demais. Este bem deve ser final, ou seja, escolhido por ele mesmo e não como um meio para atingir outra coisa qualquer. Deve ser suficiente por ele mesmo, isto é, tornar, por ele mesmo, a vida digna de ser escolhida. É autossuficiente e pode ser definido como aquilo que, em si, torna a vida desejável por não ser carente de coisa alguma. É o fim a que visam às ações. Sendo assim, o conhecimento deste bem é de fundamental importância para nossas vidas, por isso devemos nos esforçar para tentar conhecê-lo, mesmo que seja apenas em linhas gerais. Para tanto, é necessário escolher uma ciência que possa guiar este estudo, e segundo Aristóteles a ciência política parece ser o melhor caminho, considerada por ele como “a arte mestra”.

Parece que ela é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas em uma cidade, e quais são os cidadãos que devem aprendê-las, e até que ponto; e vemos que mesmo as atividades tidas na mais alta estima se incluem entre tais ciências, como por exemplo a estratégia, a economia e a retórica. Uma vez que a ciência política usa as ciências restantes e, mais ainda, legisla sobre o que devemos fazer e sobre aquilo de que devemos abster-nos, a finalidade desta ciência inclui necessariamente a finalidade das outras, e então esta finalidade deve ser o bem do homem. Ainda que a finalidade seja a mesma para um homem isoladamente e para uma cidade, a finalidade da cidade parece de qualquer modo algo maior e mais completo, seja para a atingirmos, seja para a perseguirmos; (...) (Aristóteles, 1996, p. 119)<sup>2</sup>

Todo trabalho visa algum bem, no caso da ciência política o objetivo é a obtenção do bem com perfeição absoluta, e segundo Aristóteles, um só bem corresponde a tal exigência: a felicidade (eudaimonia). A Felicidade é, então, o fim último e perfeito, isto que é jamais visto em vista de outra coisa. Mas é sempre em vista dele que o

<sup>1</sup> Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p.118, Os Pensadores, 1996.

<sup>2</sup> Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. p.119, Os Pensadores, 1996.

homem faz todo o resto. É o bem supremo e final que torna o homem feliz. A felicidade faz parte dos bens excelentes e perfeitos e ela é o princípio em vista do qual nós fazemos todos os nossos atos. E nós dizemos que o princípio e a causa dos outros bens é algo estimável e divino.

A busca pela felicidade acaba sofrendo grande diferença quando tratada pelo vulgo ou pelo sábio. O vulgo compara a felicidade ao prazer, riqueza ou ostentação. Contudo, muitos conseguem perceber que acima dos bens imediatos há um bem subsistente e causa da bondade de todos os demais. Neste sentido, julgando a vida que os homens em geral levam, Aristóteles a divide em três tipos principais: a) a vida dos gozos: a felicidade vista apenas na fluência de prazeres, a qual ele considera bestial e escrava; b) a vida política: que identifica a felicidade com a honra, considera a honra como concessão do público, como um atestado de bondade, reflexo de suas virtudes pessoais, pois muitos a buscam incessantemente, talvez por quererem um reconhecimento de uma vida honesta, nos permitindo colocar então a virtude também como uma razão deste modo de vida, mas fica ainda o quadro incompleto; c) a vida contemplativa. Deste modo, os prazeres, a potencialidade política, e a contemplação, que são fins últimos para cada um dos gêneros de vida, são, na verdade, fins relativos à felicidade. Esta é um verdadeiro fim com toda a excelência e o único fim verdadeiramente último.

A ciência política admite uma flutuação nos seus conceitos de belo e justo, tornando-se existente quase que somente por convenção. Flexibilidade de conceito semelhante existe referente aos bens, pois já houve quem perecesse por causa de sua riqueza ou coragem, por isso vamos nos contentar em encontrar a verdade de forma aproximada, e não absoluta. Como já definimos acima, a busca das ciências políticas pode ser a felicidade, o bem viver, o ser rico ou ter saúde, para alguns pensadores este objeto seria um bem que, de tão grandioso, torna-se de difícil acesso e por existir tão grandes divergências consideraremos os conceitos mais razoáveis.

Devemos procurar o bem e indagar o que ele é, pois se existe uma finalidade para tudo o que fazemos, a finalidade será o bem. Aristóteles considera bem aquelas atividades da alma, “os bens que se relacionam com a alma são as ações e

atividades psíquicas” este são os bens no sentido mais verdadeiro da palavra, o homem feliz vive bem, age bem.

A felicidade ora é comparada com as virtudes, a sabedoria prática, a sabedoria filosófica, a prosperidade e a honra, entre outras, e é provável que ela esteja um pouquinho em cada um desses aspectos. Não obstante, a felicidade é uma virtude de ação; e esta ação deve vir sempre acompanhada de prazer e alegria pelo que se faz. A felicidade é a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, não obstante, ela necessita dos bens exteriores, pois não é facilmente alcançada sem outros bens (os meios no qual se chega a ela), dificilmente um homem que não tem amigos ou filhos, ou os tem e eles são perversos ou a morte levou os bons, alcançará a felicidade, que alcançada por acaso não é tão realizadora quanto aquela que foi intensamente procurada.

A melhor função do homem é a vida ativa que tem um princípio racional. O homem feliz é aquele que consideramos que foi feliz durante a vida e até nos momentos mais difíceis agiu com moral e nobreza. A atividade de cada um dá, ou não, nobreza e felicidade a vida, portanto, nesta visão um homem de atitudes nobres nunca se tornará um homem infeliz.

A felicidade identifica-se também com a virtude, portanto para entendê-la é necessário estudar as virtudes. O político é o estudioso da virtude e para conhecê-la como atividade da alma, deve estudar a alma, assim com um oftalmologista deve também ter um conhecimento geral de todo o corpo para entender o funcionamento dos olhos. As virtudes são as disposições louváveis do espírito, e elas são divididas em intelectuais ou morais, sendo por estas virtudes que consideramos os homens.

## **2.3 As virtudes éticas ou morais e dianoéticas ou intelectuais**

No livro II da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles faz uma divisão nas virtudes (que ele chama de excelência) dizendo que há duas espécies de excelência: a intelectual e a

moral<sup>3</sup>. Segundo ele, a virtude intelectual se desenvolve através do ensino, da instrução, exigindo longo percurso, ao passo que a virtude moral é adquirida pelo hábito, pois a natureza não nos dá virtudes, mas sim a capacidade de recebê-las e estas se aperfeiçoam pelo hábito, assim como as demais coisas que nos vem por natureza, primeiro recebemos a potência e depois cumprimos a atividade, nos tornamos justos praticando a justiça. Aristóteles nos dá um exemplo de como isso acontece nos Estados:

Os legisladores formam os cidadãos habituando-os a fazerem o bem; esta é a intenção de todos os legisladores; os que não a põem corretamente em prática falham em seu objetivo, e é sob este aspecto que a boa constituição difere da má. (Aristóteles)<sup>4</sup>

Percebe-se que, assim como geramos a virtude a destruimos. Por isso, devemos estudar os atos, pois eles constituem a virtude pelo hábito, o prazer e a dor estão ligados com a virtude dos atos, pois o homem que enfrenta seus medos e se alegra com isso é corajoso e o homem que o faz, mas sente-se aborrecido ou sofre com isso é um covarde, fazemos as coisas certas por que nos dão prazer e deixamos de fazer as coisas erradas por nos trazer dor ou mesmo por não nos dar prazer, ou vice-versa.

É necessário estabelecer a prática das virtudes dentro do princípio de uma regra justa, pois, quando se trata de condutas, a obtenção do bem a partir de suas práticas, não esta fixa. Tudo se torna apenas aproximado, demandando prudência e moderação para que não venhamos a praticar excessos. Pois, tanto a deficiência como o excesso de zelo, destrói a força da sua eficácia. Assim, nossa saúde depende apenas de uma quantidade e variedade adequada de alimentos, o mesmo ocorrendo com a temperança, a coragem e outras virtudes que, se não bem controladas, não fortalecem a desenvoltura progressiva de nossas condutas.

---

<sup>3</sup> Aristóteles, EN II, 1, 1996, p. 137.

<sup>4</sup> Aristóteles, EN II, 1, 1996, p. 137-138.

As ações são consideradas justas e temperantes quando são equivalentes às de um homem com estas qualidades, mas isto não significa que aquele que as praticou tenha estas qualidades, mas que apenas as praticou deste modo, o que faz parte do caminho para chegar a ter tais virtudes, pois pela prática de atos justos se faz um homem justo e pela prática de atos temperantes se faz um homem temperante, e sem a prática de tais atos jamais se tornariam assim, ou seja, a virtude depende essencialmente da prática costumeira.

Para praticar a virtude é necessário conhecê-la. Segundo Aristóteles, as manifestações da alma são de três espécies: emoções, faculdades e disposições; a virtude não está entre as faculdades, pois estas são apenas disposições para sentir as paixões; também não está nas paixões, que são apenas reações segundo o nosso caráter; as virtudes estão, portanto, em nossas disposições, como qualidades de nosso eu para concretizá-las. As disposições dependem não só de nossas aptidões biológicas, como também da forma com que as utilizamos; elas não se situam nos excessos, mas sim no meio-termo que os contrabalança. É uma sabedoria prática, que foge do vício e dos extremos. Porém, o meio-termo deverá estar sempre voltado para o bem, não para o mal.

A excelência moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio termo (o meio termo relativo a nós) determinado pela razão (a razão graças a qual um homem dotado de discernimento o determinaria). Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio termo. Logo, a respeito do que ela é, ou seja a definição que expressa a sua essência, a excelência moral é um meio termo, mas com referência ao que é melhor e conforme ao bem ela é um extremo. (Aristóteles)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Aristóteles, EN II, 6, 1996, p. 144-145.



A virtude é responsável a dar excelência aos nossos atos. O excesso e a falta destroem as boas obras de arte, por isso o artista sempre deve buscar o meio termo, assim também é em relação à virtude moral, onde as paixões e ações precisam deste. Portanto, a virtude é mediana, pois busca o meio termo, que é relativo, pois a cada situação tem um diferente, o que pra uma pode ser em excesso para outro pode ser falta, deve-se analisar o momento. As ações erradas, como o adultério, o roubo o assassinato, são sempre más, nelas não existe nem falta nem excesso nem meio termo, sempre, em qualquer situação são desprezíveis. Alcançar o meio termo, assim como alcançar o centro de uma circunferência não é pra qualquer pessoa, mas para a que sabe agir em relação a medida, ocasião, motivo e maneira que convém, e por ser tão difícil chegar neste meio termo e tão fácil se desviar dele devemos sempre nos distanciar de um extremo, caminhando em direção ao outro, nos aproximando da atitude mediana. Não censuramos o homem que se desvia um pouco demais ou de menos, mas somente aquele que se desvia consideravelmente, pois este não passa despercebido.

Em suma, a virtude moral é um meio-termo, obtido pela negação de excesso. Assim, difícil se torna sermos bons, pelo fato de ser difícil encontrarmos o meio-termo. Na dúvida, é sempre melhor escolher o mal menor, sendo que o prazer e a dor podem ser bons indicadores desse meio-termo virtuoso.

Aristóteles relaciona a virtude moral a uma disposição da alma que está ligada a escolha, porém, para que a escolha seja boa, ela tem que passar por uma reflexão e, por sua vez, essa reflexão está ligada a alma racional, ou seja, a excelência (virtude) intelectual, a parte mais elevada da alma.

A origem da ação (sua causa eficiente, e não final) é a escolha, e a origem da escolha está no desejo e no raciocínio dirigido a algum fim. É por isto que a escolha não pode existir sem a razão e o pensamento ou sem uma disposição moral, pois as boas e as más ações não podem existir sem uma combinação de pensamento e caráter. (Aristóteles) <sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Aristóteles, EN VI, 2, 1996, p. 217.

A ação deve ser refletida, ou seja, é necessário pensar antes de agir, tendo consciência que “o pensamento por si mesmo, não move coisa alguma, mas somente o pensamento que se dirige a um fim e é prático.”<sup>7</sup>

De acordo com Aristóteles a alma é composta de duas partes, uma dotada de razão e outra irracional<sup>8</sup>, e por sua vez, a parte dotada de razão (racional) se divide em duas faculdades racionais, onde, uma é aquela que conhece as coisas necessárias e que não mudam e a outra que conhece as coisas que mudam, correspondendo respectivamente à científica e calculativa.

“O conhecimento científico, então, é a disposição graças à qual podemos fazer demonstrações (...)”.<sup>9</sup> E segundo Aristóteles esse conhecimento pode ser ensinado e apreendido, pois envolve raciocínio visando conclusões corretas. “Entre as coisas variáveis estão incluídas as coisas feitas e as ações praticadas, pois fazer e agir são coisas diferentes (...)”.<sup>10</sup>

Apesar da diferença entre as faculdades racionais, é importante destacar que ambas as partes da alma tem como função específica a verdade, sendo que o conhecimento científico tem como função específica demonstrar como são as coisas, enquanto o calculativo tem como função a verdade prática.

Sendo assim, ao comparar a virtude intelectual com a virtude moral é possível concluir que, ambas apresentam semelhança e distinção. A semelhança, segundo Vaz apud Silva<sup>11</sup>, é que nenhuma virtude pode ser exercida sem a presença ativa da parte racional da alma, e a distinção diz respeito à teoria do meio termo, pois enquanto a virtude do caráter está submetida a ela, a virtude intelectual não está.

---

<sup>7</sup> Aristóteles, EN VI, 2, 1996, p. 217..

<sup>8</sup> Aristóteles, EN VI, 1, 1996, p. 216

<sup>9</sup> Aristóteles, EN VI, 3, 1996, p.218

<sup>10</sup> Aristóteles, EN VI, 4, 1996, p.219

<sup>11</sup> Silva, Sandro Luiz da. A ética das virtudes de Aristóteles. São Leopoldo, 2008, p. 41

### 3 A VIOLÊNCIA, A CORRUPÇÃO E A PERDA DE VIRTUDES NA SOCIEDADE

Podemos encontrar a definição do conceito de virtude de diversas maneiras. Ao consultar um dicionário, o mesmo apresenta que:

Virtude é uma qualidade moral, um atributo positivo de um indivíduo. Virtude é a disposição de um indivíduo de praticar o bem; e não é apenas uma característica, trata-se de uma verdadeira inclinação; virtudes são todos os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem.<sup>12</sup>

Com base nessa definição, principalmente na parte que afirma que, “virtude é a disposição de um indivíduo de praticar o bem”, e pensando a sociedade atual, podemos questionar: vivemos uma crise de valores caracterizada pela perda de virtudes em nossa sociedade?

Ao analisar o comportamento humano ao longo do tempo percebemos que as pessoas desrespeitam com muita frequência as regras éticas e também as regras civis. Basta assistir os programas jornalísticos no Brasil para perceber o quanto os cidadãos tem praticado corrupção, se comportado de forma agressiva e violenta para com os outros, comportamentos esses que nos mostram como os hábitos dos cidadãos estão caminhando mais para o mal do que para o bem.

Como já abordamos anteriormente, Aristóteles classifica as virtudes como as disposições louváveis do espírito, e quando analisamos as diversas ações violentas na sociedade percebemos o quanto elas estão distantes de serem atos louváveis. Estudos publicados no Mapa de Violência 2016 mostram que mais de um milhão de pessoas foram vítimas de armas de fogo no Brasil nos últimos 34 anos, e que esses números colocam o país na 10ª posição no ranking mundial com maior número de mortes por arma de fogo. A imagem abaixo mostra em números o retrato da violência do Brasil de 1980 a 2014.

---

<sup>12</sup> <https://www.significados.com.br/virtude/> Acesso em 07/04/2018.



13

<sup>13</sup> Mapa da violência 2016, revista Exame.com, <https://exame.abril.com.br/brasil/o-mapa-dos-assassinatos-no-brasil-nos-ultimos-30-anos/> Acesso em 07/04/2018.

Os números acima mostram a quantidade de vidas perdidas por utilização de armas de fogo, mas a pergunta é: quantas vidas são atingidas diariamente por outros tipos de violência como o preconceito, as agressões físicas e verbais, o bullying, a homofobia entre outras? São inúmeras as formas de praticar violência contra as pessoas, formas que “matam” um pouquinho por dia, que privam de liberdade, causam danos psicológicos, emocionais, deficiências no desenvolvimento, lesões físicas ou morte.

Atualmente percebe-se que grande parte das pessoas demonstra não se sentirem satisfeitas ao praticar atos honestos, o que tem prevalecido são ações desonestas que visam algum fim particular, fim este que até pode ser algo positivo, normalmente o poder, a satisfação pessoal ou familiar, a aquisição de bens materiais, saúde, enfim, uma vida feliz, o problema é que para atingir tais fins, muitas vezes pratica-se ações negativas, fortalecendo o jargão popular de que “os fins justificam os meios”.

Estudos recentes comprovam o quanto a corrupção tem aumentado. De acordo com o relatório da organização não governamental (ONG) Transparência Internacional, “a corrupção e a desigualdade formam um círculo vicioso”<sup>14</sup>, que por muitas vezes acaba sendo visto com naturalidade e também como oportunidade de se dar bem, independente do mal que possa causar. Porém, ao analisar o contexto da corrupção é possível perceber que na maior parte das situações os atos são praticados às escondidas, o que leva a concluir que a pessoa que pratica tem consciência de que está praticando algo que não está de acordo com a justiça.

Segundo Marcia Tiburi<sup>15</sup>, nosso senso de honestidade tem a ver com a ideia de transparência e clareza e que no mais íntimo, somos todos de algum modo desonestos. Talvez essa ideia nos ajude a entender porque tanto se critica a corrupção, mas, mesmo assim ela continua se fortalecendo geração pós-geração.

Nesse sentido, conclui-se que, o combate à corrupção seria algo que está apenas no discurso, mas muito distante da prática, característica muito presente no mundo

---

<sup>14</sup> <https://exame.abril.com.br/mundo/os-20-paises-mais-corruptos-do-mundo-e-os-menos-desonestos/>  
Acesso em 11/05/2018

<sup>15</sup> <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-reflexao-sobre-corruptao/> Acesso em 11/05/2018

atual, onde as pessoas investem muito em “fachadas”, busca-se construir, (em público) uma vida perfeita, corpos esculturais, com discursos pautados nos valores morais e éticos, de valorização da família e dos bons costumes, respeito a diversidade, entre outros, porém, o que se vê nas ações (muitas vezes escondidas, disfarçadas...) são atitudes desonestas que visam o interesse próprio.

Diante dessa realidade, apresentam-se para nós várias formas de nos relacionarmos com a corrupção, podemos nos render a ela ou combatê-la. Segundo Márcia Tiburi, o combate passa pela reflexão, buscando tentar ver melhor aquilo que se encena para nós, pois estamos todos envolvidos com ela.

Atualmente, todos nós estamos envolvidos com ela por ação, omissão ou desconhecimento do que ela possa significar. Isso quer dizer que a corrupção se tornou um universal, problema para filósofos por um lado, mas também para cada um que ainda tenha algum senso de cidadania e de preservação de sua própria dignidade e da dignidade da nação contra as perversas ideologias dominantes que corrompem a inteligência e a alma de cada um, e destroem assim, o que poderíamos construir como o bem comum.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-reflexao-sobre-corrupcao/>

## 4 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO MORAL E ÉTICA NOS AMBIENTES ESCOLARES

As aulas de filosofia no Ensino Médio, em um sentido amplo, tem o objetivo de estimular a reflexão do aluno, levando-o a desenvolver um novo olhar sobre o mundo de forma que o mesmo possa questionar o senso comum e assim descobrir novos significados para a existência, para as relações humanas e para o convívio com a natureza.

Ao formular questões, o aluno pode ampliar a sua capacidade de reflexão crítica e assim realizar uma intervenção responsável na sua vida pessoal e também na sociedade em que está inserido.

Visto que a violência, a corrupção e a perda de valores estão cada vez mais presentes na sociedade atual, é fundamental trazer para o centro das discussões escolares os conceitos de moral e de ética, pois é só através do aprofundamento da discussão que se pode realizar uma mudança consciente na sociedade.

Segundo Sangali & Stefani, não é possível ter pleno desenvolvimento da virtude moral e, conseqüentemente, uma boa educação sem entender o uso da razão e dos recursos metodológicos que orientam a ação moral.

Quando usamos conceitos como *bem, mal, virtude, liberdade, dever, felicidade, justiça*, entre outros, é preciso ter uma adequada reflexão teórica, através de uma análise crítica dos conteúdos morais, que devem ser metodologicamente trabalhados e ensinados. Tais conteúdos morais estão presentes no fazer tanto científico quanto na vida cotidiana. Para fazer uma reflexão crítica radical, é preciso conhecer ao menos alguns dos modelos éticos e, principalmente, responder à pergunta: qual concepção de homem está impregnada em nosso pensamento e qual é a concepção de humano que almejamos?<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> SANGALI, Idalgo J. STEFANI, Jaqueline. Noções introdutórias sobre a ética das virtudes aristotélicas. p.50

Ninguém nasce moral ou ético, sendo assim, é a educação que deve dar condições para a construção da personalidade moral. É necessário ensinar a criança a conviver, e esse processo de aprendizagem exige um sair de si mesmo e ir em direção ao outro, a aceitação de regras, sendo fundamental a intermediação de agentes externos. Nesse sentido, Aristóteles com sua ética de virtudes pode contribuir para a formação moral e ética não só nos ambientes escolares, mas também para além deles, pois a ética proposta pelo filósofo tem uma característica prática.

Para Aristóteles, educar moralmente é ensinar virtudes, construir hábitos e forjar o caráter. Segundo ele, a virtude intelectual se desenvolve através do ensino, da instrução, exigindo longo percurso, ao passo que a virtude moral é adquirida pelo hábito, pois a natureza não nos dá virtudes, mas sim a capacidade de recebê-las e estas se aperfeiçoam pelo hábito. Nesse sentido, ele defende que a ética pode ser ensinada e praticada, fortalecendo a ideia apresentada nesse estudo a respeito da importância de aprofundar a discussão sobre ética nos ambientes escolares, pois é só através do conhecimento que a prática pode se tornar efetiva.

Apesar da importância e da necessidade de uma maior instrução, percebe-se que hoje há cada vez menos a prática da leitura e da reflexão, muitos julgam desnecessário a fundamentação teórica, principalmente no campo ético, pois, defende que o caráter é construído na vida familiar e social, e talvez seja por isso que estamos vivendo um período onde os valores estão ficando em segundo plano, gerando essa sociedade corrupta. Nesse sentido, Sangali & Stefani nos alerta que,

Existem muitas abordagens sociológicas, psicológicas ou religiosas que tentam explicar a questão ética, mas estudar teorias éticas, refletir, ou seja, “fazer” ética tomando consciência dos pressupostos ético-metafísicos, antropológicos e metodológicos que condicionam o agir moral – além de decidir e escolher com liberdade e autonomia a melhor alternativa de ação na perspectiva do bem comum – passa a ser tarefa discursiva restrita a alguns poucos filósofos, educadores e estudantes de filosofia. Infelizmente, falta reflexão, e as pessoas, em geral, não têm posição firmada sobre o que é ética e o que é moral e confundem ambas com os códigos de ética profissional ou atitudes moralizantes.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> SANGALI, Idalgo J. STEFANI, Jaqueline. Noções introdutórias sobre a ética das virtudes aristotélicas. p. 51



Para evitar essa confusão, a qual as pessoas agem moralmente apenas porque seguem um determinado código de conduta, a ética aristotélica se apresenta como um bom caminho. Ela valoriza as virtudes enquanto traços de caráter, defende que elas são necessárias para todas as pessoas em todos os tempos, são importantes porque a pessoa virtuosa irá se sair melhor na vida, pois as virtudes são necessárias para a realização da pessoa, principalmente porque se vive em sociedade.

Segundo Rachels, a ética de virtudes apresenta duas características fundamentais: a motivação moral e a parcialidade. A primeira garante um caráter natural para as ações, ou seja, a pessoa age moralmente não por imposição de regras ou por convenção social, mas sim porque entende que determinada ação é a melhor para o bem comum. A segunda, por mais que pareça contraditória, também é fundamental para a ação moral, pois algumas virtudes exigem da pessoa um tratamento diferenciado, parcial, principalmente no que diz respeito à família e amigos.

Em um nível mais geral, somos criaturas sociais que querem a companhia dos outros. Assim, vivemos em comunidades entre família, amigos e concidadãos. Nesse conjunto, qualidades como lealdade, equidade e honestidade são necessárias para interagir de forma bem-sucedida com os outros. Em um nível mais individual, podemos ter um emprego e buscar interesses particulares. Tais esforços podem clamar por outras virtudes, como perseverança e industriabilidade. Finalmente, é parte de nossa condição humana comum que tenhamos de, algumas vezes, enfrentar perigo e tentação, portanto coragem e autocontrole são necessários. Assim, todas as virtudes têm uma espécie de mesmo valor geral: elas são todas qualidades necessárias para uma vida de sucesso.<sup>19</sup>

O problema que se percebe atualmente está justamente nessa busca por uma “vida de sucesso”, pois ao analisar a sociedade percebe-se que as pessoas tem buscado esse sucesso a qualquer custo, gerando uma realidade do “salve-se quem puder”, mesmo que para isso o indivíduo tenha que matar, roubar, trapacear... O que está prevalecendo é a ação voltada para aquilo que convém ao indivíduo, (independente de estar certo ou não) ou simplesmente para cumprir um código moral imposto pela sociedade.

---

<sup>19</sup> RACHELS, James. RACHELS, Stuart. Os elementos da filosofia moral. p. 131

É visível nas salas de aula que grande parte dos indivíduos quando escolhe agir virtuosamente o faz em público, porém quando a ação ocorre às escondidas não há essa preocupação. Essa conclusão gera uma grande preocupação com o presente e com o futuro da sociedade e fortalece a necessidade de desenvolver um trabalho educacional visando a conscientização do aluno de que a ação correta independe de ser vista ou não. Nesse sentido, a ética aristotélica pode dar uma considerável contribuição, pois podemos conceber a ética de virtudes como a ética da ação correta, aquela ação habitual de quem age virtuosamente de forma natural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo surgiu da necessidade de se falar sobre ética na escola, pois se percebe diariamente o quanto os alunos têm apresentado comportamentos antiéticos e como isso tem atrapalhado o dia a dia escolar, tanto na questão pedagógica quanto nas relações pessoais.

Ao pensarmos a escola como uma pequena sociedade inserida em um contexto maior, pode-se afirmar que a mesma é um “espelho da grande sociedade”, e sendo assim, não se pode fechar os olhos para a atual situação da nossa sociedade, mergulhada em um mar de corrupção, voltada para os interesses próprios a qualquer custo, realidade que também está presente nas salas de aula.

Entendendo que é tarefa de todos nós buscarmos alternativas coletivas, novos jeitos de pensar visando uma sociedade mais virtuosa, foi que esse trabalho se desenvolveu. O mesmo procura chamar a atenção para uma realidade que muitas vezes é vista como natural e que talvez por isso muito pouco tenha sido feito para tentar revertê-la, pelo contrário, o que parece estar ocorrendo é que um número cada vez maior de pessoas tem se rendido às graças de uma vida fácil optando pelo caminho da corrupção.

Sendo assim, entendemos que o único caminho para uma possível mudança está na conscientização que passa pelo conhecimento e vai até a prática, e nesse sentido trabalhar a ética de virtudes Aristotélica pode ser uma boa opção, visto que a mesma defende que não nascemos seres virtuosos, mas nos tornamos pelo conhecimento e pelo hábito, como afirma Carlota Boto, “para o exercício da virtude seria, pois, necessário conhecer, julgar, ponderar, discernir, calcular e deliberar”.<sup>20</sup>

Para aprender a ideia aristotélica de ética é necessário uma mudança nas prioridades e um cuidado central com a ação, pois segundo ele, mesmo nas maiores

---

<sup>20</sup> BOTO, Carlota. A Ética de Aristóteles e a Educação. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm> Acesso dia 18/05/2018

dificuldades, nas questões de moralidade extrema, a pior ação seria a injusta, pois esta pressupõe a deficiência moral do indivíduo, e isso seria inconcebível.

Levando em consideração a realidade vivida em sala de aula e também o conhecimento adquirido através desse trabalho, foi possível comprovar que, trabalhar ética de virtudes nos ambientes escolares não é uma tarefa fácil, mas sim um grande desafio, visto que a mesma defende princípios que estão em extinção na sociedade atual. Porém, trata-se de um desafio que deve ser encarado por todos os professores, principalmente os de filosofia, que ainda acreditam ser possível uma conscientização através do conhecimento e da reflexão do mesmo, levando a uma mudança na ação.

## REFERENCIAS

ABRANTES, Talita. **O mapa dos assassinatos no Brasil nos últimos 30 anos. Mapa da violência 2016.** <https://exame.abril.com.br/brasil/o-mapa-dos-assassinatos-no-brasil-nos-ultimos-30-anos/>. Acesso em 07/04/2018.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores ; v. 2)

BARBOSA, Vanessa. **Os países mais corruptos (e os menos desonestos) em 2016.** <https://exame.abril.com.br/mundo/os-20-paises-mais-corruptos-do-mundo-e-os-menos-desonestos/>. Acesso em 11/05/2018.

BOTO, Carlota. **A Ética de Aristóteles e a Educação.** <http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm> Acesso em 18/05/2018

RACHELS, James. RACHELS, Stuart. **Os elementos da filosofia moral.** 7ª edição, 2013. Tradução e revisão técnica desta obra: Delamar José Volpato Dutra.

SANGALI, Idalgo J. STEFANI, Jaqueline. **Noções introdutórias sobre a ética de virtudes aristotélica.** Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v.17, n.3, p. 49-68, set./dez. 2012.

SILVA, Sandro Luiz da. **A Ética das virtudes de Aristóteles.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Curso de Pós-Graduação em Mestrado em Filosofia. Realizado pelo Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008.

TIBURI, Márcia. **Uma reflexão sobre a corrupção.** <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-reflexao-sobre-corruptcao/> Acesso em 11/05/2018.

<https://www.significados.com.br/virtude/> Acesso em 07/04/2018.

